

**NAS ENTANHAS
DA CRUELDADE HUMANA**
EMÍLIA COSTA



← A RAINHA DA BELEZA DE LEENANE, DE MARTIN MCDONAGH, ENC. SANDRA FALEIRO, PRODUÇÕES TEATRAIS PRÓSPERO, 2024 (VALERIE BRADDELL, NUNO NUNES E PAULA LOBO ANTUNES), [F] ALÍPIO PADILHA.

A RAINHA DA BELEZA DE LEENANE

TEXTO: Martin McDonagh

TRADUÇÃO: Paulo Eduardo Carvalho

ENCENAÇÃO: Sandra Faleiro

ASSISTENTE DE ENCENAÇÃO: Martim Mesquita Guimarães

INTERPRETAÇÃO: Nuno Nunes, Paula Lobo Antunes, Valerie Braddell, Vicente Gil

CENOGRAFIA: Henrique Ralheta

FIGURINOS: Sandra Faleiro

DESENHO DE LUZ E VÍDEO: Cristina Piedade

SONOPLASTIA: Sérgio Delgado

OPERAÇÃO DE LUZ, SOM E VÍDEO: Ana Miffon e António Pinto

PRODUÇÃO EXECUTIVA: Susana Roldão

COPRODUÇÃO: Teatro da Trindade Inatel e Produções Teatrais Próspero

LOCAL E DATA DE ESTREIA: Teatro da Trindade Inatel, Lisboa,

15 de fevereiro de 2024

EMÍLIA COSTA

CENTRO DE ESTUDOS DE TEATRO DA FACULDADE DE LETRAS
DA UNIVERSIDADE DE LISBOA (CET-FLUL)

SINAIS DE CENA

SÉRIE III NÚMERO 3
NOVEMBRO DE 2024

*Possas tu passar meia hora no Céu
antes de o Diabo saber que morreste.*

Martin McDonagh,
A Rainha da Beleza de Leenane

A Rainha da Beleza de Leenane nasceu de um desejo de Sandra Faleiro, Valerie Braddell e Paula Lobo Antunes de trabalharem juntas. Sem definição do projeto nem do papel que caberia a cada uma delas, inicialmente conjecturando, porém, que seria a Braddell a encenadora e a Faleiro e a Lobo Antunes as atrizes, talvez num qualquer papel de princesas, quando depararam com a primeira peça de Martin McDonagh (1996), onde no título surge a palavra rainha, afinal a mãe das princesas, tudo se encaixou, como se nunca tivesse havido dúvidas ou incertezas. Sandra Faleiro tornou-se assim a encenadora e Valerie Braddell e Paula Lobo Antunes as atrizes, nos papéis de mãe e filha, respetivamente.

E se rainhas e princesas nos levam para o universo infantil, foi também por aí que Faleiro idealizou esta encenação, pontuando o realismo cruel dos diálogos com momentos fantasmagóricos e irreais, dirigindo-nos, ao som da música que nos anuncia a desgraça, do palco para a tela do cinema. Porque esta é uma peça em que o teatro se transforma em cinema, pelo poder sonoro da música trágica e das sombras que serpenteiam as paredes brancas do cenário, impelindo-nos a olhar, aterrados e fascinados, o ecrã palco que se expõe à nossa frente.

Faleiro não nega a inspiração nos contos infantis, por isso mesmo, com humor, tornou vermelho o capuz que Maureen, a filha, veste aquando da sua entrada em palco e, com mestria, invocou em Pato Dooley, o pretendente de Maureen, interpretado por Nuno Nunes, as nossas reminiscências do príncipe encantado de *Cinderela*. Mas também não nega a influência do cinema, sobretudo da cinematografia de Alfred Hitchcock, e, por isso, no ambiente opressivo

A RAINHA DA BELEZA DE LEENANE, DE MARTIN MCDONAGH, ENC. SANDRA FALEIRO,
PRODUÇÕES TEATRAIS PRÓSPERO, 2024 (PAULA LOBO ANTUNES E NUNO NUNES), [F] ALÍPIO PADILHA.



e claustrofóbico que envolve o palco, revivemos *Psico* e, quando deparamos com a imagem do corvo agigantado que percorre as paredes e o teto do cenário, atemorizamo-nos com a recordação de *Os pássaros*. Esta afinidade com o cinema já resulta do próprio texto dramático, da sua linguagem crua e visual, não fosse Martin McDonagh o argumentista e realizador dos memoráveis filmes *Em Bruges*, *Três cartazes à beira da estrada* e *Os espíritos de Inisherin*. Daí que tenha sido operada com naturalidade, quase como uma inevitabilidade, esta invasão do cinema no palco, com as suas imagens sombrias e misteriosas.

Não se pense, porém, que os atores, essa força viva do teatro, se escondem atrás das sombras, tornando irrelevante a sua presença. Pelo contrário, num cenário que parece ecrã, os rostos dos atores engrandecem, as suas expressões vincam-se e as palavras ressoam em nós. O teatro não se perde nesta sinergia de artes, pelo contrário, aprofunda-se.

Mag Folan, a mãe, e Maureen Folan, a filha, vivem, assim, à nossa frente, nas vestes de Valerie Braddell e Paula Lobo Antunes, uma relação violenta e brutal, sem que se vislumbre, por mais ténue que seja, uma ponta de afeto, um rasgo de humanidade. No início, chocamo-nos com a linguagem agressiva com que a filha presenteia a mãe, essa mulher mais velha, doente e frágil, para depressa nos apercebermos de que, apesar de uma voz mais doce e suplicante, estamos na presença de uma mãe impiedosa, profundamente manipuladora, egoísta e traiçoeira. Se Maureen Folan se deixa suavizar, em breves momentos, pela doçura de Pato Dooley, ainda que a luta mortal com a mãe se apresente como o mais importante; já Mag Folan nunca se desvia do seu primordial objetivo, que concretiza naquele tom de voz irritantemente adocicado, e que é o de destruir a personalidade da filha, humilhando-a constantemente, embora de forma velada, mas certa, de maneira a impedi-la de partir.



A RAINHA DA BELEZA DE LEENANE, DE MARTIN MCDONAGH, ENC. SANDRA FALEIRO, PRODUÇÕES TEATRAIS PRÓSPERO, 2024 (VICENTE GIL E VALERIE BRADDELL), [F] ALÍPIO PADILHA.

Nesta engrenagem diabólica, onde inexitem pontos de fuga, apesar da janela ao fundo do palco que nos remete para a rua, as farpas com que estas duas mulheres se mimam são terríveis, e ainda que pareça que nenhuma das duas vence, é a mãe, na realidade, a verdadeira vitoriosa, visto que o seu objetivo é atingido, mesmo após a sua morte. A filha nunca sairá de Leenane, dessa pequena cidade em Connemara, no Condado de Galway, na Irlanda. Nesse pequeno lugar esquecido de Deus, o único sonho de quem lá vive é o de sair, e quem não sai torna-se um fantasma, uma espécie de morto-vivo. Mesmo Ray Dooley, interpretado por Vicente Gil, apesar dos seus vinte anos

e de ainda nele permanecer o sonho de sair, já está impregnado de uma apatia mesclada com ódio e frustração. É sintomático que a única personagem capaz de compreensão e delicadeza seja a do homem que já saiu, esse príncipe encantado que, apesar de viver uma existência miserável em Inglaterra, mantém acesa a esperança e o amor. E é igualmente curioso que McDonagh tenha, sem rodeios, abordado um dos grandes tabus sociais, o da violência disseminada e visceral das mulheres. Também elas, tal qual os homens, desesperançadas e de sonhos destruídos, se transformam em bichos selvagens e desumanos, capazes das mais vis atrocidades psicológicas e físicas. Também elas são carrascos, abusadoras e torturadoras e nem a maternidade as apazigua.

Valerie Braddell e Paula Lobo Antunes assumiram com virtuosismo estas personagens, aquela evidenciando, de forma contida, mas insidiosa, o cinismo na sua falsa fragilidade de mulher idosa, esta permitindo-nos vislumbrar o sofrimento e a dor escondidos debaixo de rígidas camadas de agressividade e insensibilidade. A interação entre ambas é perfeita e, numa composição ímpar, conduzem-nos às entranhas da crueldade humana, num intenso e surpreendente pingue-pongue, onde o ódio impera sem qualquer interstício para a generosidade. Através das suas brilhantes interpretações, onde, para além da palavra, o mimetismo facial é determinante, Braddell e Lobo Antunes transportam-nos para outras dimensões, ora mais humorísticas, ora mais profundas, impelindo-nos a acompanhar meticulosamente aqueles dois rostos, cheios de informação e contradição, que, involuntariamente, nos relembram as inesquecíveis interpretações de Joan Crawford e Bette Davis no filme *What ever happened to Baby Jane?*.

Nuno Nunes e Vicente Gil, os irmãos Dooley, integram-se, com esmero, nessa luta titânica entre mãe e filha, aquele por trazer suavidade

e ternura para o campo de combate, este por se imiscuir, com naturalidade, nesse ambiente grotesco, deixando-nos antever, porém, em traços subtis, lampejos de ingenuidade.

E deste modo se preenche o quadro, porque é isso que o cenário, sabiamente construído por Henrique Ralheta, nos faz lembrar, a pintura de uma casa, numa cidade rural da Irlanda ou de outro país qualquer, que congela, em pinceladas com tonalidades azuis, a pobreza de uma cozinha e sala, onde, ainda assim, despontam pequenos luxos, como a lareira, a telefonia, a televisão e a cadeira de baloiço. Destaca-se o pormenor de a televisão, principal instrumento de alienação nos idos anos noventa do século XX, ser aqui apenas um projetor, colocado no chão do palco, à boca de cena, o qual reflete a luz típica da televisão e de onde parecem sair as vozes dos programas a que Mag Folan e Ray Dooley assistem. Tal como as personagens paradas no tempo, do lado de fora da janela, à espera do seu momento para entrar em cena e das várias interferências do vídeo no palco, também o projetor transformado em televisor persegue o objetivo, assumido por Faleiro, de uma visão simbólica, e não puramente realista, do espetáculo.

É de salientar ainda a sagacidade na opção em colocar a janela ao fundo do palco, de frente para o público, ao invés de ficar por cima da bancada da cozinha, do lado direito, como sugere McDonagh, permitindo, assim, aos espectadores desfrutarem, numa visão central, o mundo exterior, o qual, na encenação de Faleiro, se restringe àqueles que entram e saem daquele espaço confinado e frio. Esta frieza é-nos transmitida por uma iluminação, concebida, sem mácula, por Cristina Piedade, que nos envolve na teia do *suspense*, onde se torna inevitável que o crime aconteça. Ao som de *Verklärte Nacht, Op. 4 V. Adagio, molto tranquillo*, de Arnold Schoenberg, e de *5 Orquesterlieder, Op. 4*, de Alban Berg, seleção irrepreensível de Sérgio Delgado, a música



intensifica o *thriller* e o medo invade-nos. Também os figurinos, de Sandra Faleiro, onde o preto impera, encaminham-nos para o desfecho irreversível e trágico da peça.

Em *A Rainha da Beleza de Leenane*, que integra uma trilogia com as peças *A skull in Connemara* e *The lonesome West*, a personagem principal é a crueldade humana, na sua vertente mais sombria.

Mag é cruel porque não quer ficar sozinha e ser encarcerada num lar, mas também é cruel por pura diversão, como a que pratica ao despejar, às escondidas, o penico cheio de mijo no lavatório da cozinha, ou como quando revela à filha que sabe que ela continua virgem, tendo perfeita perceção de que essa revelação irá levar Maureen a torturá-la. Por sua vez, Maureen é cruel porque se sente impotente perante a mãe e quer vingar-se desta, mas também utiliza a crueldade por divertimento, como a que pratica ao esconder a bola de ténis a Ray Dooley, o presente mais importante que este recebera. É verdade que sobre Maureen paira sempre a dúvida sobre a sua sanidade mental, mas essa mesma dúvida não será de pairar igualmente sobre Mag e até sobre Ray, que gostaria de comprar o atiçador da lareira a Mag só pelo gozo de bater com ele nos guardas e ver o sangue jorrar?

Nesta excepcional encenação, Sandra Faleiro consegue desvendar, sem subterfúgios nem compaixão, a crueldade humana, não sem nos brindar, na leitura da carta de amor de Pato Dooley, com uma réstia de esperança, colorindo-a de uma intensidade poética que nos faz querer acreditar num final feliz, como nos contos de fadas.

+++

